

NEPLANTA: QUESTÕES DE HISTÓRIA NA EMERGÊNCIA DO PARADIGMA DOS FRACTAIS OU DIREITO A UMA CONVIVÊNCIA TRANSFORMADORA

Eduardo Bonzatto

Resumo

Este texto procura realçar os princípios da emergência como fenômeno social imperativo, destacando aspectos de auto-organização a fazer frente aos sistemas de poder e que, embora não ignorados por estes, tem permanecido razoavelmente longe do olhar dos historiadores.

Palavras-chave

Emergência; auto-organização; tecnologia e convivência.

Abstract

The present text aims to emphasize the principles of the emergence, as an imperative social phenomenon, accentuating aspects of self-organization, in confrontation with the power systems, which although not ignored by the latter, have remained quite far from the historians consideration.

Keywords

Emergence; self-organization; technology and coexistence.

Nós já passamos pelo passado, mas o passado não passou por nós.

Gênesis, 3000aC

Precisamos preservar a absoluta imprevisibilidade e a total improbabilidade de nossas mentes conectadas.

Lewis Thomas, 1973

De um lado, aumenta o consumo de bens duráveis, como automóveis e televisores de plasma, assim como aumenta o número de alunos inscritos nas universidades particulares por todo o Brasil.

De outro, aumenta o número de desempregados em todo o espectro social, respeitando, em grande medida, as características de injustiça de uma sociedade acostumada a inventariar seus sucessos por meio de plasticidades cotidianas tão sedutoras que costumam soterrar todo o infortúnio necessário à manutenção dessa mesma sociedade.

Enquanto os ricos perdem paulatinamente seu direito de transitar despreocupados pelas alamedas esverdeadas de cidades como São Paulo ou Curitiba, enquanto os não tão ricos migram para as periferias e retornam, uma geração depois, para as escolas públicas da educação básica, enquanto as franjas do desterro social merecem a designação de hegemônicas, já que dois terços de nossa sociedade somente ali encontraram abrigo, o cenário dos próximos anos não acalantam ninguém.

O Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas mostrou em recente pesquisa que, em 2005, 11 milhões de brasileiros perderam o emprego, algo em torno de 32,5% daqueles que estavam trabalhando. A mesma pesquisa aponta que dois terços dos empregados perderão o emprego nos próximos dois anos.¹ Embora esses números apontem para a rotatividade no âmbito do trabalho formal, cerca de 11 milhões de vagas de trabalho serão erradicadas no campo pelas características impressas ao agronegócio nos próximos cinco anos.

O mercado consumidor brasileiro gravita na ordem de 68 milhões de indivíduos, tão vasto quanto o do Canadá, o que confere com números aceitáveis na perspectiva do capitalismo transnacional do mercado globalizado.

Para todos aqueles que não se enquadram nesse universo, estão sendo criados adjetivos novos: excluídos, não colaboradores, não qualificados, pouco criativos, inadaptados para a competitividade contemporânea, analfabetos digitais, analfabetos funcionais, com dificuldades de adaptação, carentes de competências e habilidades.

A despeito da invocação irritante da educação como solucionadora desse problema estrutural, os gráficos de exclusão têm crescido desde há muito e existem poucas ilusões de que o modelo venha a se tornar mais justo e menos iníquo.

Na perspectiva daqueles que vivenciam a trágica experiência desse *apartheyd*, assistencialismo, terceiro setor, ongs, programas sociais conservadores, educação, além de outras modalidades menos ortodoxas, tais como o tráfico de drogas, as incipientes atividades culturais autônomas, rapidamente cooptadas pelos *mass media*, a repressão, o telefone celular e os televisores a crédito, a aquisição dos carros de segunda mão oriundos da renovação da frota nacional de veículos, das promessas de uma inclusão futura, enfim, tudo aquilo que anseia pela resiliência² dos grupos de homens e mulheres marcados pela experiência individual da agressão, da humilhação, da caridade, da indiferença, da violência de uma sociedade apartada não é mais uma garantia a que essa mesma sociedade do controle pode se fiar.

As tentativas de renovação dos atratores estranhos³ devem corresponder a uma leitura a contrapelo para todos aqueles que desejam reivindicar para si a inscrição de participem de um mundo incerto pautado pela complexidade, pelo encontro com o outro, pelo encontro com as diferenças, já que o encontro com as semelhanças é pouco adequado a produzir mudanças. Também no plano social, chegamos ao fim das certezas, ao fim dos determinismos, ao fim do paradigma do controle, embora por algum tempo ainda conviveremos numa intersecção tão característica de qualquer transição histórica.

O que não se extinguiu convive por vezes tensa, por vezes pacificamente, com o que ainda não se hegemonizou; múltiplas línguas, múltiplas formas de comunicação, miríades de experiências, dinâmicas distintas estabelecem contatos gravitacionais. Vivemos o pleno interlúdio de grossas confluências de historicidades: cruzamentos, bifurcações, *ritornellos*, saltos quânticos, velhas avenidas pavimentadas recentemente, picadas no cimento onde antes havia flores, túneis antigos e novos a se esfregarem como lagartas na primavera, desvios e semióphoros.

De um lado, uma forma de pensar, de ver a realidade, de interagir com o mundo da experiência. Uma epistemologia capaz de projetar sobre o real uma quantidade infinita de certezas, de julgamentos, de projetos e de soluções. Também chamada de solipsista, essa epistemologia foi nutrida nos últimos duzentos anos com uma quantidade generosa de conhecimentos que se transformaram em tecnologia e poder e que ocuparam a centralidade das tomadas de decisão onde a verdade parecia garantir sua legitimação.

Toda sua objetividade, todo o discurso que dela se desdobrou foi plausível para edificar uma estrutura tão ruínosa que hoje, a despeito da maquiagem do consumo, ninguém mais pode ignorar. A violência das mortes por tiros, as mortes no trânsito, a doença e as

mortes que atestam a ineficácia da medicina, as mortes pela fome, as mortes pela ausência de água tratada, de esgotos, de condições sanitárias mínimas, as mortes nos hospitais públicos e naqueles controlados pela perspectiva mercantil dos planos de saúde. O fracasso da educação pública e privada e os conflitos que nela constatamos. A indiferença quanto à política como lugar de mudanças dessa realidade de abandono e de desespero.

O oblívio de todas as suas instituições é seu sinal de esgotamento inequívoco: as instituições da família nuclear, da escola para todos, do mundo do trabalho apresentam sintomas não somente de transformações, mas, principalmente, de desfiguração e esgotamento.

Se as famílias desagregam traumáticamente seus elementos, seja por função (mulheres, filhos, agregados de toda sorte vão à caça da sobrevivência, novas sociabilidades consolidam outras configurações, como as “mães de rua”, os bandos de novos “*Frattichelli*” a operar por todo o tecido urbano, etc.), seja por afinidade (separações intensificadas em todas as estratificações sociais), seja ainda por violência explícita (estupro, assassinato, espancamento, abandono, negligência, etc.), as escolas denunciam o esgotamento dos professores pela indiferença dos alunos, quando não pela agressão de parte a parte, pelo fracasso de sua pedagogia, pela ineficácia das propostas e acordos de seus parceiros nacionais (políticas públicas) e internacionais (acordos de Jontien, plano decenal); o mundo do trabalho, que deveria receber todos aqueles oriundos dessas duas instituições anteriores, encontra-se em processo avançado de desregulamentação, operando numa larga faixa de informalidade, de territórios controlados pelos mais fortes, de novas e assustadoras escravidões (de brasileiros, de bolivianos, de asiáticos, de mulheres, de crianças e sabe-se lá de quantos outros seres humanos vendidos a pouco soldo).

Não é exagero apontar a racionalidade própria dessa epistemologia como a causadora de todos esses infortúnios, caixa de pandora fechada tardiamente, deixando a alguns poucos privilegiados a crença de que em seu interior ainda aguarda a esperança, pois consagrou a desigualdade como parâmetro de sua oxigenação, como base sobre a qual deslocava seu corpanzil histórico.⁴

Outras formas de sociabilidades parecem deixar-se entrever para todos aqueles que desejam verdadeiramente operar em espaços de mudança desse cenário grotesco.

O ajustamento epistemológico-teórico-metodológico necessário para a adequada observação dessas novas sociabilidades deve ater-se à mônada (nos termos em que Leibniz a enunciou), esse elemento mínimo, base sobre a qual se assentou toda estrutura: o desnivelamento, a hierarquia, a condição de desigualdade entre duas pessoas (e enfim, o dualismo que separa e hierarquiza antes de tudo homem e natureza).

Desnecessário apontar que a decisão de instrumentalizar-se nesse arcabouço perceptivo é exclusivamente política, resgate daquele velho conceito grego dos que desejavam interferir nos destinos da comunidade a que pertenciam.

Grupos de deserdados reconfiguram o sentido do termo família: em inúmeras favelas brasileiras, quando uma família não encontra formas de sobrevivência, seus membros são “cuidados” pelos vizinhos até que possa se recompor. É irrelevante se há “bondade” orientando tal ação; vivendo no limite de suas possibilidades, todos compreendem e fazem empatia com o sofrimento do “outro”.

Da mesma forma, experiências escolares que consideram prioritariamente a realidade do entorno para elaborarem seus currículos vêm despontando ainda de modo insípido no cenário educacional, valorizando a autonomia pedagógica de forma radical, em que os atores envolvidos abdicam de sua condição de desigualdade para erigir a cooperação como sentido da ação.

Enquanto isso, na periferia de uma cidade serrana do Rio de Janeiro (Petrópolis), a comunidade de Carangola superou um cenário de miséria, drogas, abandono, criminalidade dando as costas para o sistema que a rejeitava: de posse de uma vasta rede de saberes e de tecnologia sem poder chamada permacultura construíram biodigestores, habitações com resgate de técnicas há muito esquecidas, mas adequadas às condições climáticas e culturais da terra, construções de tanques piscicultores, de hortas e plantio diversificado, envolvendo todos os integrantes numa jornada que a levou a experimentar uma autonomia que não necessita nada de fora e nem produz nada para fora.

Da mesma forma, comunidades remanescentes de quilombos, insistentes caipiras da Serra da Bocaina, diversos grupos indígenas das amazônias, comunidades pescadoras em variados pontos ocultos da costa vivenciam experiências conservadas por muito tempo e apenas possível como solidariedades não hierárquicas. O movimento de ecovilas se expande, assim como o de comunidades autônomas de diversas inclinações, como os focolares, os habitantes de tantos vazadouros a circundar as metrópoles, numa variedade tão grande de experiências distintas que é muito difícil asseverar que viveremos de novo a abstração das macro-sociabilidades.

Nesses casos, opera o chamado comportamento complexo: “sistema com múltiplos agentes interagindo dinamicamente de diversas formas, seguindo regras locais e não percebendo qualquer instrução de nível mais alto”.⁵ É pela singularidade, pelo sentido que cada grupo confere a seus problemas, pela perspectiva que o novo cenário se fragmenta que devemos ajustar nossas ferramentas, nós que ainda vivenciamos a mais inercial e conservadora instituição iluminista, a universidade.

Quem se abrigar sob a mecânica dessa aparelhagem ocular jamais voltará a pensar em soluções globais, mudanças planetárias, revoluções totalizantes, tão caras a nossas inclinações propedêuticas.

Mas, afinal, podemos nomear essa aparelhagem?

Representacionismo é o termo que Maturana⁶ confere a essa epistemologia. Segundo ele, nesse caso, a realidade invade o observador com todas as suas incoerências, com todas as suas densidades, com todas as suas anfractuosidades. Preenhe de novidades, apresenta singularidades enquanto o observador abdica dos pré-julgamentos, dos pré-conceitos, da valoração axiológica que normalmente acompanha as certezas. Sua atenção é plena, seu respeito, absoluto!

Mas não confundamos esse “silêncio” com objetividade ou anulação. Esse “silêncio” é necessário para a recepção completa (tanto quanto possível para o observador, mas é igualmente parcial, fragmentária, superposta, empanada, luxuriante, luminosa, sombria, conflituosa, dinâmica, etc.) e densa da realidade, já que a ânsia pela conexão é política e reconhece e admite a novidade do mundo em sua menor manifestação, o estranhamento de suas inusitadas redes informacionais.

Contudo, não há realmente novidade nessa postura. Willian Blake, Henri Toreau, Ilya Prigogine, Fritjof Capra, Fustel de Coulanges, Steve Johnson, dentre tantos outros, operaram em seus próprios tempos como vozes a nos lembrar que o modelo hegemônico jamais abrangeu a totalidade. Repleto de fissuras, de brechas e de vazamentos, buscou na ideologia o apoio para ocultar suas deficiências de conquista, seus fracassos e suas eventuais desistências no enfrentamento mais duro das minúcias, onde os homens, sujeitos de batalhas e de guerras pessoais, escolhem seus próprios caminhos.

Ou mesmo quando os oportunismos servem para reforçar e aprimorar os processos de dominação das almas, como é o caso do toyotismo, artimanha administrativa que se apropria das tendências grupais de solidariedade para orientar o pertencimento e a produção, em que o operário passa a ser denominado “colaborador”, têm de reconhecer que há, então, uma tendência grupal não hierárquica.

Ou quando matemáticos ou engenheiros surpreendem computadores lógicos operando como colaboradores e não como competidores, como seria esperado por seus programadores.⁷

A base teórica dessa inusitada tendência que questiona tanto as teorias da vida produzidas pelo século XIX, quanto as teorias sociais pautadas, ambas, pelo determinismo é conhecida como *emergência*, movimento de orientação *botton-up*, ou seja, que se inicia pela “base” e emerge para todo o corpo, reconhecimento e detecção de ações coletivas não hierárquicas.

Teoria do caos, sistemas de não-equilíbrio, sistemas dissipativos, incertezas, dinâmica dos fractais, teoria dos quantas, imprevisibilidade, eis os termos dessa epistemologia. Etnomatemática, física subatômica, agricultura orgânica, administração de conflitos, biotecnologia, neurolinguística, engenharia da roça, eis algumas áreas de estudo e aplicação já incorporadas por poucas universidades.

Teoria e metodologia devem integrar-se a essa epistemologia, já que qualquer indelicadeza de aproximação impede a conexão propositiva, pelo desgaste e desconfiança que os arautos das soluções mágicas impuseram em seus esforços, em grande medida involuntários, de anulação do potencial da *emergência*.

Como teoria, a *emergência* fez parte de estudos realizados em redes tão variadas quando as cidades, os insetos sociais, os *softwares* e as conexões neurais aprimoradas pelas pesquisas da neurofisiologia. Como metodologia mais adequada aos propósitos e limites deste ensaio utilizarei os estudos de Martin Buber e de Dan Baron quanto ao potencial dialógico necessário à integração nas redes de solidariedade.

A surpresa da *emergência* como tendência compôs um conjunto de descobertas razoavelmente variadas em áreas e tempos igualmente distintos.

Pesquisas iniciadas no fim dos anos 60, associando a termodinâmica do não-equilíbrio, a matemática e os sistemas vivos, trouxeram à tona o *Dictyostelium discoideum*, uma espécie de ameba ou fungo que, ao ser observado a olho nu, desapareceu na frente dos pesquisadores. O desaparecimento foi assim explicado:

O discoideum passa grande parte de sua vida como milhares de outras criaturas unicelulares, cada uma delas movendo-se separadamente das companheiras. Sob condições adequadas, essas miríades de células aglomeram-se novamente em um único organismo maior, que então começa seu passeio tranquilo e rastejante pelo jardim, consumindo, no caminho, madeira e folhas apodrecidas. Quando o ambiente é mais hostil, o *discoideum* age como um organismo único; quando o clima refresca e existe uma oferta maior de alimento, “ele” se transforma em “eles”. O *discoideum* oscila entre ser uma criatura única e uma multidão.⁸

As pesquisas, até aquele momento, pressupunham que células líderes enviavam informações químicas, denominadas acrasinas, disparando o comando que orientaria todo o corpo de indivíduos numa ou noutra disposição, tendência predominante pelos parâmetros conservadores que pautavam as explicações científicas em geral:

Parecia uma explicação perfeitamente razoável. Nós estamos naturalmente predispostos a pensar em termos de líderes, quer falemos de fungos, sistemas políticos ou nossos próprios corpos. Nossas ações parecem ser governadas, na maior parte dos casos, por células-líderes em nossos cérebros e, durante milênios, fomentamos elaboradas células-líderes em nossas organizações sociais, seja na forma de reis ou ditadores, ou até de vereadores. A maior parte do mundo à nossa volta pode ser explicado em termos

de hierarquias e sistemas de comando – por que seria diferente com o *Dictyostelium discoideum*?⁹

Mas, sob esse novo ferramental mental mais adequado à instabilidade e à incerteza, a descoberta da Dr. Evelyn Fox Keller, bióloga molecular com doutorado em física pela Universidade de Harvard,¹⁰ superou os limites epistemológicos vigentes, mostrando que a acrasina, ao percorrer o fungo, não vinha de nenhuma célula-líder, mas fluía pelos indivíduos em trajetórias absolutamente randômicas, revelando uma comunidade não hierárquica.

Ao mesmo tempo e tão distante dali, outra cientista entomologista fazia descoberta semelhante em formigueiros, consagradas estruturas hierárquicas até então intocadas em sua similitude com nossas organizações sociais. Descobriu não somente o mesmo movimento, chamado de *botton-up*, mas que o formigueiro, como macroorganismo, também aprende e se modifica com o passar dos anos.

Mas foram os estudos sobre a cidade que abriram fendas de possibilidades para leituras heterodoxas.

As cidades não foram criadas por comissões de planejamento central, mas pelas pequenas ações de estranhos que se encontravam em seus afazeres vinculados à vida pública. O espaço metropolitano habitualmente aparece como uma linha de arranha-céus, mas a verdadeira magia da cidade vem de baixo.¹¹

Segundo o autor, a cidade é um bem sucedido condutor de fluxos de informações. Ao longo da história, foi a administração da informação que municiou as escolhas para o ajuntamento comercial, financeiro, de segurança, embora os micromotivos não previssem esse macrocomportamento.

A semelhança de tal organismo com o formigueiro está no fato de que as cidades também aprendem. Todavia, um nível de aprendizado senciente (através do *páthos*). E aprendem no nível da calçada. “As calçadas [...] são as junções da vida da cidade”.¹² A intensificação dos “encontros” nas calçadas levam a uma troca constante de informação entre as pessoas que modificam-nas, criando uma complexidade (tecer juntos) adequada para um aprendizado superior.

Mas esse transitar pelas calçadas de nada serviria se não alterasse comportamentos. Quando altera um comportamento, há mudança global no fazer urbano. Para compreendermos a importância da cidade como um sistema emergente, devemos aceitar que a cidade como um teatro político é uma ficção, ou seja, é discurso, assim como a cidade como um centro hierárquico é um exercício permanente de convencimento, ainda que sintamos que são as relações interpessoais que movimentam a cidade.

O que fungos, formigas, cidades têm em comum para o princípio da emergência é sua condição descentralizada e, principalmente, a capacidade que cada indivíduo tem de aprender com o outro, numa troca potencialmente transformadora, criando um aprendizado de nível superior.

Compreendendo que as mudanças de comportamento intersubjetivas são possíveis a partir de experiências concretas de relações, ainda no ano de 2004 começamos um grupo de estudos na PUC de São Paulo sobre as potencialidades das tecnologias sem hierarquia e sem poder e sua profícua relação com a autonomia.

Durante o primeiro semestre daquele ano, estudamos não somente lugares em que a autonomia havia deixado sua marca, mas uma gama de técnicas adequadas a produzir encontro e diálogo.

Exemplos de tais lugares autônomos são Cristiânia, no centro de Copenhague, Bouganville, uma ilha na costa de Papua Nova Guiné, os MTDs argentinos, a Universidade de Oruro, na Bolívia mineira, os zapatistas da selva Lacandona, as diversas coletividades autônomas dos Estados Unidos, os berberes dos desertos do Oriente Médio, etc.

Quanto às técnicas, aprendemos a construir biodigestores, fogões solares, sistemas computacionais livres (linux), coleta de água de chuva, construção de habitação a custo zero, possibilidades de energia alternativa, plantio de hortaliças, etc.

Essas tecnologias desprovidas de poder são fruto de saberes acessíveis a qualquer um, e que adequadamente chamaríamos de tecnologias de convivência, que conduzam à autonomia, entendida aqui como vivência coletiva possível fora dos sistemas de poder enraizados na unidimensionalidade da vida social formal, certeza da epistemologia solipsista.

Descobrimos que estávamos diante de um conceito desconhecido (por nós) até aquele momento. Tratava-se da permacultura.

A permacultura cuida da produção e desenvolvimento de técnicas diversas utilizando os materiais disponíveis nos próprios ambientes realizadores. Tal princípio está diretamente entranhado nas questões de autogestão, que é a comunidade cuidando diretamente de seus próprios interesses e necessidades, garantindo que, seja a produção seja a distribuição e mesmo o domínio da tecnologia necessária à produção de benefícios, a ação será sempre coletiva, na garantia de que tais ações contemplem toda a comunidade e aponte novas soluções na medida em que os problemas apareçam.

No final daquele primeiro semestre de 2004, o grupo de estudos transformou-se em grupo de trabalho e fomos atrás das conexões extra-muros da universidade.

Esse segundo momento ocorreu em comunidades onde tais tecnologias pudessem servir adequadamente para produzir o diálogo entre sujeitos de ação. Devemos destacar

que tais tecnologias são pretextos para o encontro entre sujeitos de distintas experiências e é esse encontro, desprovidos das hierarquias que normalmente os inviabilizam, que é potencialmente transformador, seja para os próprios sujeitos envolvidos seja para aquilo que possa daí resultar, impossível de prever de antemão.

Nossa primeira ação desenrolou-se num prédio ocupado no centro de São Paulo. Conjuntamente com os moradores, desenvolvemos um sistema de plantio de alface utilizando gôndolas feitas de garrafas pet.



Dali, novas conexões se abriram e conhecemos uma favela na zona sul, chamada de comunidade da Duda (Jardim Vera Cruz) e ali realizamos a implantação, durante todo aquele semestre, de um esgoto ecológico e viajamos atrás de técnicas para coleta de água de chuva, plantio de hortas e pomares coletivos, herbários, trabalho com teatro e processos de alfabetização cultural contextualizada. Atualmente, mobilizamos na construção de uma creche feita em solocimento e taipa de pilão com o envolvimento da comunidade. Esse diálogo entre sujeitos tão diferenciados é, não tenho dúvida, potencialmente transformador para todos os envolvidos.



Vivemos um tempo de nebulosas. Há, ainda, fortes determinismos do paradigma das hierarquias, mas também há indícios de um novo paradigma, que poderíamos chamar de holístico. Neplanta foi o nome que aqueles que testemunharam a chegada dos espanhóis no México deram para essa ambigüidade de dois mundos de experiências convivendo lado a lado. Enquanto um ainda está vitalizado o outro avança sorrateiro às vezes, intempestivo outras, como ondas consecutivas de fractais, levezas que provocam furacões.

Podemos surpreender esse nosso momento neplanta. Descartes escreve na *Segunda Meditação Metafísica*:

Esforçar-me-ei e seguirei novamente a mesma via que trilhei ontem, afastando-me de tudo em que poderia imaginar a menor dúvida, da mesma maneira como se eu soubesse que isto fosse absolutamente falso; e continuarei sempre no meu caminho até que tenha encontrado algo certo, ou pelo menos, se outra coisa não me for possível, até que tenha aprendido certamente que nada há de certo no mundo. Arquimedes, para tirar o globo terrestre de seu lugar e transportá-lo para outra parte, não pedia nada mais exceto um ponto que fosse fixo e seguro.¹³

Contraponho à máxima cartesiana o texto de Dan Baron produzido já sob a ótica desse novo paradigma:

Minhas mãos descansam no teclado. Elas estão bronzeadas e calejadas por estarem há seis semanas, o dia todo, cortando azulejos sob o sol de inverno. Cicatrizes de cortes inflamados e infeccionados – onde o cimento penetrou nos dedos e corroeu nossa pele, enquanto o passávamos nos cacos e os colávamos – gravam o processo de descobrir como se constrói um mosaico. Minha mão direita arde e agora está maior do que a minha mão esquerda, inchada e mais forte por pressionar a torquês para aqueles a quem faltava força para cortar a cerâmica. Ela se abre e se fecha durante o meu sono, lembrando e se recuperando. Eu tentei, mas não consegui cortar com a minha mão esquerda. [...] Todos os jovens batalharam com as torquês. Apesar do prazer de trabalhar juntos, as dificuldades no cortar começavam a ser uma ameaça ao processo criativo. Numa manhã, no entanto, eu me vi fotografando uma das participantes enquanto ela descobria que, colocando metade da torquês além da borda do caco de azulejo, a força necessária para segurar e cortar se reduzia drasticamente. Agora todos nós estamos cortando. Em pequenos grupos. De modos diferentes, mas com cuidado. E com maior precisão.¹⁴

Destaco que diante do problema, foi uma das participantes que encontrou, no fazer, a solução.

A certeza que alguns ainda conservam e a incerteza que tantos vivenciam, o ensinar e o aprender, o poder e a relação que o recusa.



Como se viu, nossa utensilhagem mental é limitada para esses tempos tão erradios. Temos designado de alienado todos aqueles incapazes de discernir criticamente o mundo referencial do poder e temos nos esforçado sobremaneira para conscientizá-los dos caminhos mais apropriados para a mudança. Quando usufruímos do discurso da educação como saída para os problemas sociais, estamos reforçando a direção da solução dual e simplificada: esclarecidos – ignorantes.

Necessitamos inverter o sentido da conscientização: todos nós que vivemos sob o questionável privilégio do egoísmo deveríamos ter o direito a uma convivência transformadora.

Recebido em março/2007; aprovado em maio/2007.

Notas

* Doutor. Professor PUC/SP. E-mail: eabonzatto@ig.com.br

¹ Dados publicados na revista *Época*, n. 427, de 24 de julho de 2006, p. 58.

² Conceito que vem da dinâmica dos materiais sobre a qualidade de alguns metais de, uma vez submetidos à deformação, retornarem à sua forma original. Incorporado pela psicologia para caracterizar todos aqueles que, a despeito de todo sofrimento, jamais pervertem sua humanidade.

³ “A teoria do caos é a ciência dos sistemas não-lineares e seu propósito é demonstrar, em geral com grande elegância, que mesmo o caos tem sua própria forma de ordem. O princípio orientador dessa ordem é o que os matemáticos chamam de ‘o atrator estranho’”. ALVAREZ, A. *Noite*. São Paulo, Cia das Letras, 1996, pp. 141-2.

⁴ Desnecessário elencar os efeitos deletérios que tal racionalidade impôs ao ambiente, a destruição piroclástica implementada para saciar sua inversão de matéria em consumo. O mito do fausto hoje nos parece aquém de suas previsões acerca dos equívocos do desenvolvimento. BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*.

⁵ JOHNSON, S. *Emergência*. Rio de Janeiro, Record, 2003, p. 15.

⁶ MATURANA, H. *A Árvore Do Conhecimento*.

⁷ RIDLEY, M. *As Origens da Virtude. Um estudo biológico da solidariedade*. Rio de Janeiro, Record, 2000, pp. 63-80. Trata-se de experiência realizada a partir da teoria dos jogos com o chamado “dilema do prisioneiro”.

⁸ JOHNSON, S. *Emergência*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 10.

⁹ JOHNSON, op.cit., pp. 11-12.

¹⁰ Tal ênfase é importante, já que aponta para a necessária adesão a uma epistemologia que não se encerre em cristalizações disciplinares e em determinismos que obliteram a percepção.

¹¹ MATTOS, Olgária. “A melancolia de Ulisses”. In: *Os sentidos da paixão*. São Paulo, Cia das Letras, 2002, p. 151.

¹² BARON, Dan. *Alfabetização Cultural*. São Paulo, Alfarrábio, 2004, pp. 35 e 44.